

Cláudia Falluh
Norma de Castro

**Mulher, islã e literatura:
os avatares de Isabelle Eberhardt**

Resumo

Desenvolvido através da leitura de três obras a escritora argelina de origem suíça Isabelle Eberhardt: *Pages d'Islam*, *Notes de Route* e *Amours Nomades*, assim como a leitura da fortuna crítica dessa autora e as obras que estudam em profundidade os aspectos da religião islâmica e a situação da mulher no seio do islamismo, bem como seu alcance sobre a sociedade em que a autora viveu, incluindo a influência marcante e preponderante da ocupação francesa nos países que compõem o Magrebe (países do norte da África), mais especificamente a Tunísia, a Argélia e o Marrocos.

Palavras-chave: Isabelle Eberhardt; Islã; mulher

Abstract

This work was developed through reading three books of Isabelle Eberhardt: *Pages d'Islam*, *Notes de Route* and *Amours Nomades*, as well as reading of critical works of this author and studying in depth aspects of the Islamic religion and situation of woman in the Islamism, as well as her achieve on the society that the author lived, include striking and predominant influence the French occupation in the countries that are part of Maghreb (North African countries), especially Tunisia, Algeria and Morocco.

Keywords: Isabelle Eberhardt; Islam; Woman

Introdução

Com a finalidade de demonstrar a influência da religião islâmica na vida e na produção literária da escritora Isabella Eberhardt o presente estudo quer evidenciar o grau de força exercida pela religião islâmica agindo como um propulsor em sua obra influenciando seus posicionamentos diante do mundo e da própria literatura. São relevantes as evidências da conversão da autora, – de confissão católica para o islã – como um passo decisivo na sua projeção no mundo muçulmano proibido às mulheres neste final do século XIX. Desta conversão deu-o seu mergulho insólito no universo de uma Argélia profunda com reflexos extraordinários em sua obra literária.

Contudo, para tocarmos o universo literário de Isabelle Eberhardt, faz-se necessário, primeiramente, conhecermos minimamente o Islã, sua história, sua influência no mundo árabe. Igualmente necessário é saber esmiuçar a história da Argélia e de outras antigas colônias francesas como Marrocos e Tunísia e sua extensão na vida dos povos que compõem esses países. Mas um trabalho desta natureza e de tão amplas prospecções não serem nosso objetivo. Limitaremos neste texto a lançar sobre leitor algumas breves, mas claras luzes sobre o tema, considerando também que o conhecimento da trajetória desta jovem escritora cuja literatura revela uma mulher emblemática e visionária, é de grande valia para a apreciação de sua extraordinária capacidade de ir além de seu tempo, ligando passado e presente, sonho de oriente e texto narrativo em simbioses indissolúveis.

195

Quem foi Isabelle Eberhardt?

Isabelle Eberhardt nasceu na Suíça em 17 de fevereiro de 1877 e faleceu em 21 de outubro de 1904, aos 27. Foi correspondente de jornais e escritora. Suas crônicas foram recolhidas após sua morte e compiladas, na sua maioria, por seu editor-chefe Victor Barrucand. Posteriormente, estudiosos e escritores, admiradores de sua obra e de sua vida também fizeram suas compilações as publicaram.

* **Cláudia Falluh** - Professora de literatura francesa e magrebina na Universidade de Brasília (UnB).

* **Norma de Castro** - Especialista em docência superior pela UFRJ. Membro do Grupo de Estudos Literários Magrebinos Francófonos (UnB).

Já aos quinze anos Isabelle Eberhardt já se correspondia com grandes escritores de sua época. Aos dezesseis, suas crônicas eram publicadas em jornais. Intelectualmente inquieta, após ter contato com a cultura árabe, através de um escritor exilado chamado Abou Naddara, intitulado o *Molière* egípcio, liga-se a ele que lhe ensinará a dar seus primeiros passos rumo ao aprendizado da língua árabe, daí revelando todo um oculto e fascinante universo ao qual ela adere definitivamente mais tarde.

Escreve duas novelas em 1895. A primeira, *Infernalía* foi escrita em colaboração com seu meio-irmão Augustin, sob o pseudônimo *N. Podolinsky*. A segunda novela *Vision du Moghred* foi igualmente publicada em *La Nouvelle Revue Moderne*.

Isabelle iniciou sua carreira de escritora, tradutora, correspondente e cronista utilizando vários pseudônimos diferentes. Ao publicar poemas do Russo Simon Nadson, traduzidos em francês, ela utilizou o pseudônimo *Nicolas Podolinsky* publicados no *L'Athénée*; também, assinava como *Isabelle de Moerder* (sobrenome de casada de sua mãe); *Mariam, Meriem, Nadia e Podol*, entre outros cognomes que ela utilizava dependendo do momento. Como árabe se chamava: *Si Mahamoud, Mahamoud ben Abdallah Saadi, Mahamoud ould Ali*.

Com o advento da colonização francesa dos países do norte da África, Isabelle interessou-se ainda mais pela cultura árabe. Através de contatos com os intelectuais da época, teve a oportunidade, primeiramente, de traduzir para o árabe alguns poemas de *Pouchkine* e, então, os envia ao Barão Rosen, professor da Faculdade de Línguas Orientais de São Petesburgo, sendo por ele reconhecida como autodidata no aprendizado e domínio da língua árabe.

Mulher excepcionalmente despojada para os costumes da época – final dos anos 1800 e início dos anos 1900 –, escrevia para jornais e revistas. Era livre e desprendida. Vestiu-se como homem pela primeira vez aos 15 anos para tirar uma foto vestida como um legionário¹. Depois disso cortou os cabelos e acompanhou seu irmão que havia se alistado na Legião Estrangeira.

Em suas viagens e com o contato com os Beduínos teve a oportunidade sentir a liberdade desse povo. Resolve, assim, seguir uma caravana beduína. É nesse momento que tem seus primeiros contatos com o Islã e em 1897, ela e sua mãe convertem-se ao

¹ Legionário: Aquele que pertence a legião. Neste caso, refere-se à Legião Estrangeira.

Islamismo. A partir deste contato, Isabelle assume alguns nomes árabes: *Si Mahmoud*, *Mahmouod ben Abdallah Saadi*, *Mahmoud ould Ali* serão os mais frequentes.

Isabelle viaja pelo Magrebe, Marrocos, Argélia e Tunísia, desta forma mantém contato constante com a cultura islâmica. Esse contato enriquece e transforma, sobremaneira, sua visão de mundo. E é então que através de seus contatos jornalísticos, relata tudo o que vê, lê e ouve, percebe e entende em suas crônicas que são publicadas em jornais da época.

Essa é Isabelle Eberhardt, mulher audaciosa e independente, inteligente e altiva, que falava russo, francês e árabe. Escreveu sobre o islã, sobre a mulher, sobre a vida beduína e sobre a liberdade. Sua obra é excepcional e extraordinariamente rica, surpreendente, e inovadora, sem deixar de ser um tanto romântica e contemplativa. Isabelle foi, antes de tudo, uma observadora. Como mulher ela observou o mundo árabe/islâmico e analisou esse mesmo mundo sob a ótica masculina, sem esquecer sua alma feminina. Utilizou-se de sua coragem em se transfigurar em homem para adentrar no mundo masculino do Islã, dos Beduínos, da Legião Estrangeira, assim conheceu e desvendou os mistérios daquele mundo dominado pelo gênero masculino e tão envolto em mistérios.

197



Figura 1 – Isabelle Eberhardt em trajes europeus e bérberes.

Conhecendo o islã

Para conhecer um pouco sobre o Islã começemos por entender o que é o Islã. A palavra Islã, em Português, significa submissão. O Islã é uma Religião que fora fundada por Maomé ou Muhammad (570-632 d.C.). Maomé pertencia ao ramo menor do clã dos *Quraysh* (Coraixitas) e foi criado como mercador. Casou-se aos 25 anos com uma mulher mais velha do que ele, uma rica viúva. Chamava-se Kadhijia. Acredita-se que Maomé teve contato com árabes judaicos e cristãos e por eles pode ter sido influenciado. Aos quarenta anos ele começou a ter visões divinais e fora encorajado por sua esposa a estimular tais visões. “Nessa época, Maomé morava em uma *área meridional* chamada *Arábia Feliz* por ser mais chuvosa e fértil, havia mesmo reinos e civilizações avançadas e laços históricos com Estados africanos”. (DEMANT, 2004, p. 25). Nessa mesma época os árabes do *Hijaz* ou *Arábia Feliz* saíam de séculos de declínio comercial, esse fato estimulou correntes nômades favorecendo a retomada da ascensão de Meca.

É importante frisar, para o bom entendimento da obra de Eberhardt, que a organização social nessa época era tribal, isto é, a linhagem e o parentesco sobrepujavam outras formas de lealdade.

Uma figura recorrente nas crônicas de Isabelle é a figura do Beduíno, ela mesma se transfigurou em um deles para prosseguir em suas viagens pelo deserto da Argélia, e desta forma, garantir sua própria segurança. O estilo de vida Beduíno a intrigava, como podemos constatar no trecho do prefácio de Victor Barrucand no livro *Notes de Route*; podendo ser confirmado por Martine Reide, outra estudiosa da vida e da obra de Isabelle Eberhardt, na apresentação do livro *Amours nomades*, que passamos agora a ver:

Drapée aux plis de son burnous sévère, coiffée comme d’une tiare assyrienne du haut turban à cordelettes fauves, bottée en cavalier filali, d’un vrai style sans équivoque, elle se souleva du coude parmi les coussins épars où elle rêvessait couchée²... (Prefácio de Victor Barrucand in EBERHARDT, 1908, p. 2).

² Tradução livre (T.L.): Envolta nas dobras de seu albornoz austero, penteado como que de uma tiara assíria de um turbante alto com cordinhas fulvas, calçado em botas de couro, de um verdadeiro estilo sem equívoco, ela levantou o cotovelo entre as almofadas espalhadas onde ela sonhava dormia... (Prefácio de Victor Barrucand in EBERHARDT, 1908, p. 2)

Isabelle Eberhardt habillée en Bédouin, chapelet dans la main gauche, fez planté sur des cheveux coupés ras, regard fuyant, lèvres boudeuses. On compte plusieurs photographies où elle figure dans ce costume³... (Apresentação de Martine Reide in EBERHARDT, 2008, p. 7).

Conhecendo os beduínos

Os beduínos são originários da Península Arábica e, no século VII, durante as conquistas árabes, expandiram-se pelo norte da África. O termo beduíno deriva de uma forma plural da palavra árabe *badawi*, termo árabe que deriva da palavra *bãdiyah* que significa deserto seminário. Portanto, *beduíno* é o termo que designa as *pessoas do deserto*. "... os árabes do deserto – conhecidos como beduínos – eram politeístas, isto é, acreditavam em vários deuses [...] adoravam as forças da natureza [...] e acreditavam em talismãs e amuletos" (ARRUDA, 2006, p. 113).

Os Beduínos valorizavam acima de tudo "a liberdade de movimento (a honra ligada em particular ao controle da sexualidade feminina) e a solidariedade para com os membros do clã" (DEMANT, 2004, p. 25). Isabelle também amava a liberdade da vida nômade, entretanto, pensava exatamente o contrário no que diz respeito ao controle da sexualidade feminina. Victor Barrucand no prefácio do livro *Notes de Route* comenta que certa vez em que conversavam, ele e Isabelle, ela lhe falou: "... Les femmes n'ont pas encore admis que le bonheur résidat dans la liberté" (EBERHARDT, 1908, p. 2).

A mulher e o islã na visão de Isabelle Eberhardt

Isabelle cria na liberdade feminina, mas o desejo de conhecer a história e o comportamento masculino aguçava sua curiosidade. Por isso, não se importou em se transfigurar em homem para adentrar no universo masculino dos Beduínos para conhecer-lhe a essência.

A influência do Islã, aliada à influência Beduína e sua admiração unidas a um misto de curiosidade e mesmo de indignação com relação à condição da mulher naquele ambiente tão inóspito, fez com que ela viajasse pelos desertos do Marrocos,

³ T.L.: Isabelle Eberhardt vestida de Beduíno, terço em sua mão esquerda, plantada sobre os cabelos cortados rente, olhar esquivo, lábios trombudos. Existem várias fotografias que ela aparece nestes trajes... (Apresentação de Martine Reide in EBERHARDT, 2008, p. 7)

Argélia e Tunísia para desvendar os segredos aquele povo tão misterioso, intrigante e ao mesmo tempo tão envolvente.

Com seu espírito jornalista, sua conversão ao Islamismo, sua alma desbravadora e seu espírito altamente irrequieto, fê-la destemida e determinada a aprender, compreender e descobrir os mistérios que envolviam a mulher naquele contexto peculiar, bem como, de conhecer profundamente a alma beduína e a alma islâmica.

Suas crônicas são plenas de figuras femininas. Em sua maioria, são personagens ou imagens de mulheres tristes, sofridas e infelizes. Com amores impossíveis e finais trágicos. Quase sempre os desfechos de suas crônicas são trágicos e envolvem a morte, separação ou desaparecimento destas personagens. Como podemos ver em *Portrait de l'Ouled Nail*, crônica publicada em 1908 por Victor Barrucand no livro *Pages d'Islam* e publicada posteriormente por Marie-Odile Delacour et Jean-René Huleu na compilação *Amours Nomades* (2008) das obras de Isabelle Eberhardt:

Achoura, comme toutes les filles de sa race, regardait Le trafic de son corps comme Le Seul gage d'affranchissement accessible à la femme. Elle ne voulait plus de la claustration domestique, elle voulait vivre au grand jour et elle n'avait point honte d'être ce qu'elle était⁴ (EBERHARDT, 2008, p. 37).

Achoura rentra dans l'ombre et la retraite du foyer musulman, où elle mène désormais une vie exemplaire et silencieuse [...]. Elle s'est réfugiée là pour songer en toute liberté à Si Mouhammed el Arbi, le beau chérif qui l'a oubliée depuis longtemps et qu'elle aime toujours⁵ (*id.*, p. 40).

200

A personalidade e a trajetória de vida de Isabelle Eberhardt

Jovem ainda já escrevia para os jornais da Suíça, onde morava durante sua adolescência, e trazia consigo grande número de célebres admiradores de suas notas e cartas:

Adolescente, Isabelle Eberhardt se jette dans le mensonge et la mystification avec une énergie rare. Elle entre en correspondance avec inconnu qui a placé une annonce dans un journal, avec un jeune marin, avec quelques érudits russes et arabes (parmi lesquels l'Égyptien Abou

⁴ T.L.: Achoura, como todas as filhas de sua raça, observava O tráfico de seu corpo como A Única garantia de libertação acessível a mulher. Ela não queria mais o confinamento doméstico, ela queria viver às claras e ela não tinha vergonha de ser o que era. (EBERHARDT, 2008, p. 37)

⁵ T.L.: Achoura entrou na sombra e retiro do lar muçulmano, onde ela agora leva uma vida exemplar e silenciosa [...]. Ela se refugiou para pensar livremente à Si Mouhammed el Arbi, o belo Sharif que a esqueceu há muito tempo e que ela ainda ama. (*id.*, p. 40).

Naddara, le Tunisien Ali Abdul Wahab)...Tous lui apportent des nouvelles du monde arabe, lui décrivent par le menu cet Orient mythifié par Fromentin et Loti. Ces érudits, spécialistes de langue et de littérature arabes, jugent des premières traductions de la jeune autodidacte (du russe en arabe) et l'aident à publier ses premiers textes (en français), ceux dans lesquels elle décrit avec justesse un univers qu'elle connaît pourtant que par ses lectures, qu'elle n'a encore vu que par leurs yeux (EBERHARDT, 2008, p. 10).

Assim teve início a vida literária de Isabelle e foi assim sua iniciação e sei despertar sobre a mística do mundo árabe.

Seu espírito libertário aliado à perda prematura de sua mãe e uma vida conturbada faz com que aumente seu amor pela literatura e aumente seus contatos com jornalistas e escritores que lhe abriram caminho para que publicasse suas crônicas em um jornal suíço. Em 25 de dezembro de 1902 tem sua primeira obra publicada no jornal *Mes journaliers*.

Isabelle se utiliza de vários epítetos para facilitar a publicação de suas obras: *Nicolas Podolinsky*, *Mahmoud Saadi* são os mais comumente utilizados para este fim.

Só após a morte de sua mãe, já dominando o idioma árabe e também acostumada a utilizar trajes masculinos e à vida nômade é que pode conhecer a Argélia como gostaria, isto é, em plena liberdade. Usa então seu nome *Mahamoud Saadi* para se tornar jornalista de jornais argelinos como *Akhbar* e *La Dépêche Algérienne* (*ibid.*, p. 11).

Isabelle produz crônicas e relatos baseados no que mais lhe agradava em suas viagens, isto é, as belas paisagens, seja na Argélia, na Tunísia, em *Batna*, *Biskra*, *El Oued* ou em *Aïn Sefra*. A pé ou a cavalo, seu olhar é um olhar ambíguo, é o olhar de uma mulher travestida em homem, o olhar de uma mulher *nômade-beduina* que produz suas crônicas da vida cotidiana desses povos, para serem publicados em jornais suíços e argelinos. Suas crônicas também são publicadas em jornais e revistas francesas, isso devido à colonização francesa que desperta o interesse e curiosidade no povo Francês que habita nas colônias. Mesmo os habitantes de Paris, anseiam por conhecer um pouco mais sobre suas colônias e, Eberhardt, possui todos os elementos (conhecimento) e condições (capacidade literária) para saciar essa sede por conhecimento da colônia.

É perfeitamente verificável que a influência Árabe-Islâmica permeia toda a obra de Isabelle Eberhard. Note-se pelos títulos tanto dos livros quanto de cada crônica. Os

livros que estudamos são *Pages d'Islam*, *Notes de route* e *Amours nomades* que espelham essa influência e também refletem a existência e a experiência da autora no mundo árabe, seja como beduíno, como homem muçulmano ou mesmo como mulher.

Os títulos de suas crônicas, bem como os nomes de suas heroínas são bem sugestivos de sua conversão ao Islamismo e da influência religiosa em sua obra.

Reconhecendo a influência religiosa na obra de Isabelle Eberhardt – o islã

Victor Barrucand faz a compilação dos manuscritos recolhidos do desmoronamento da casa de Isabelle, onde ela morreria soterrada. Muitos dos manuscritos estão em péssimo estado devido ao acidente. Ele também compila seus escritos a partir do resgate das publicações de jornais e revistas da época. Muitos dos textos possuem mais de uma escrita, não é surpresa encontrar a mesma crônica com uma reescrita melhorada ou acrescida de novos elementos. Devido à conhecida influência islâmica na vida e na obra de Eberhardt, Barrucand, ao publicar *Pages d'Islam*, nomeia suas divisões em capítulos atendendo a esse pressuposto de modo a estabelecer uma relação entre as crônicas contidas em cada um: *Obscurité; Femmes; Nomades; Fellah; En Marge; Au village; Dans la Légion; Frères de rencontre; Partir; Divagations; e Fragments et variants*.

As crônicas são alusivas a cada título de capítulo. No capítulo intitulado *Obscurité*, temos uma referência clara a um sentimento que embalou a obra de Isabelle que foi o mito, o místico e o obscuro. Tudo que ela encontrou em suas viagens e que ela mesma talvez não compreendesse, imprimia em seu ser uma sombra, um ponto obscuro, incógnito e desconhecido, isso fazia com que ela desejasse descobrir aquilo que não estava explícito. Nesse momento, de busca pela revelação ou busca de conhecimento ela escreveu sobre o oculto, o obscuro. Dessa forma percebe-se que títulos de suas crônicas são bem reveladores: *Le Mage, Le Moghrebin, Le main, L'écriture de sable, L'Enlumineur sacré, Le Magicien, Le Meddah* (trovador, que conta oralmente uma história), *La Derouicha, Le Taleb* (Estudante de uma escola de Corão; tipo de guru espiritual; profundo conhecedor do corão), *Le Marabout* (Local muçulmano santo, lugar de culto popular, ou ainda pode ser o mágico o misterioso).

No Capítulo intitulado "Femmes", podemos observar o contraste das duas culturas, isto é, da cultura magrebina-muçulmana que Isabelle se deparou em suas

viagens e, que posteriormente assumiu como sua; da cultura europeia na qual foi criada, sobretudo, no que se refere à condição feminina naquela cultura em contraponto com a liberdade que ela mesma tão bem conhecia e desfrutava: *Le portrait de l'Ouled Nail, Fiancée, Taalith, Pleurs d'amandiers*.

Em *Nomades*, temos: *Campement* e *Mériéma*. Em *Fellah*, encontramos: *Veillée de Ramadhan* (mês em que os muçulmanos, praticam o jejum ritual, é o nono mês do ano islâmico), *Fellah* (agricultor ou pequeno proprietário de terras dos países árabes), *Veste bleue*. Por outro lado, em *Marge*, nos deparamos com: *Cheminot, Criminel, Hauser le Trave, Prisonniers sur la route, Ilotes du Sud, Les Enjôlés, Dans le sentier de Dieu*. No capítulo *Au Village* vemos as crônicas *L'arrivée du colon*, e *Exploits indigènes*, que abordam o tema da colonização francesa de maneira crítica.

Já no capítulo intitulado *Dans la Légion*, podemos observar sua admiração pela Legião Estrangeira. Admiração esta, causada pelo impacto do alistamento primeiro de seu irmão mais velho, Nicolas, que permaneceu apenas um ano (1883-1884) nas fileiras da Legião Estrangeira, mas esse pouco tempo foi suficiente para impactar seus irmãos mais novos, Augustin e Isabelle. Sendo que Augustin, o irmão preferido de Isabelle, em 1894, também se alista, mas fora reformado por motivos de saúde, alguns anos mais tarde (1896). Esse tópico de sua história de vida foi preponderante para a confecção das crônicas desse capítulo. Então, neste mesmo capítulo encontramos ainda, *Le Russe* e *Coeur faible*.

Os três últimos capítulos: são menores em número de crônicas. O capítulo *Frères de rencontre* conta com duas crônicas: *L'ami* e *M'tourni (retorno ou meia-volta)*. *Partir*, outro capítulo, possui apenas uma crônica *La Rivale* e, no último capítulo *Divagations* possui apenas duas crônicas: *Notes au crayon* e *Cérès*. Sendo todos mais intimistas como os seus próprios títulos indicam. Mas não se afastam, de maneira alguma, do pensamento que a influenciara, ou seja, o islã, a problemática feminina, o deserto, a vida errante, a liberdade e a colonização francesa.

Fragments et variants, o último capítulo, conta com fragmentos e variantes de quatro crônicas: *Hauser Le Trave, Coeur faible, Le Miroir, La Foggara* (sistema de irrigação típico do deserto). Como sempre possuem o escopo voltado para o mundo árabe, para o islã e para a vida no deserto.

Os títulos dos livros e das crônicas de Isabelle, são elementos que comprovam a influência da religião que Isabelle Eberhardt abraçara e da cultura que admirava, o Islã, a língua árabe, a vida nômade e a liberdade.

Em *Amours nomades* encontramos doze crônicas assim intituladas: *Amara de forçat; La Zouïa, Portrait de l'Oued Nail, Le Roman du turco; Thaalith; Légionnaire, Aïn Djaboub, Le Meddah, Campement, Deuil; Le Vagabond; Les Paradis des Eaux.*

No corpo do texto de suas crônicas encontramos além da descrição física de pessoas, homens e mulheres, muçulmanos, berberes e beduínos, a descrição da vida naquelas paragens. Isabelle demonstra se encantar pela beleza física dos homens e mulheres dos habitantes dos lugares por onde passou, mas incrivelmente, não se detém em grandes descrições, a atmosfera que os envolve, são, para ela, mais relevantes do que seus aspectos físicos.

As vestimentas e os costumes também a intrigavam. Tanto que ela mesma se trajava como um nativo. "Drapée aux plis de son burnous sévère, coiffée comme d'une tiare assyrienne Du haut turban à cordelettes fauves, boittée em cavalier filali, d'un vrai style sans equivoque..." (EBERHARDT, 1908, p. 2). Para Isabelle a beleza estética das pessoas era envolta em mistério e esse mistério aguçava sua curiosidade, causando-lhe surpresa e admiração, instigando sua criatividade e sua vontade de escrever.

Un peu par nécessité, un peu par goût, j'étudiais alors les mœurs des populations maritimes des ports du Midi et de l'Algérie⁶ (EBERHARDT, 2008, p. 20).

Les nomades étaient partis, sans un regard de regret pour ce coin de pays où ils avaient vécu quelques semaines⁷ (*id.*, p. 104).

Uma descrição feminina em *Taalith* não ocupa um parágrafo, mas é diluída nos dois ou três parágrafos iniciais, entretanto, essa descrição não se detém a aspectos físicos, mas em aspectos psicológicos:

Elle se souvenait, comme d'un rêve très beau, de jours plus gais sur des coteaux riants que dorait Le soleil, au pied des montagnes puissantes que des gorges profondes [...] Petite bergère libre et rieuse, elle avait

⁶ T.L.: Um pouco por necessidade, um pouco de sabor, então estudava os hábitos das populações marítimas dos portos do sul e da Argélia (EBERHARDT, 2008, p. 20).

⁷ T.L.: Os nômades foram embora, sem um olhar de pesar para esta parte do país onde tinham vivido algumas semanas *id.*, p. 104).

joué là dans Le bain continué de la bonne lumière vivifiante, les membres robustes, 'presque nus, au soleil'⁸. (*id.*, p. 59).

Note-se que não há uma verdadeira descrição física em seus pormenores, mas há a utilização da metáfora para descrever a personagem em seu momento de vida e tudo que a envolvia. É uma descrição psicológica que descreve um sentimento, uma sensação.

A descrição masculina, não difere muito da feminina, uma vez que Eberhardt privilegia o psicológico. Mas há algo de peculiar que diferencia as descrições do feminino e do masculino, a força e a liberdade do homem e a dependência e a fragilidade feminina e de sua condição no mundo árabe.

Então encontramos, para os homens, um tipo de descrição como a que passamos a ler em seguida:

Enfant du peuple, orphelin très tôt, élevé par son oncle, pauvre diacre du village presque illettré, Dmitri avait pourtant pu, Grace aux sacrifices inouïs de son oncle, suivre les cours du gymnase [...] Dmitri Orschanof avait la faculté rare de pouvoir réussir dans toutes ses tentatives, et cela presque sans peine⁹. (*ibid.*, p. 65-66).

Percebe-se que, não raro, suas personagens masculinas, diferentemente de suas personagens femininas, possuem um nome, como podemos verificar nos extratos de textos anteriores.

No extrato a seguir, Eberhardt se preocupa um pouco mais com a descrição física pormenorizada, mas, ainda assim, procura dar ênfase aos aspectos psicológicos, psicanalíticos e utiliza-se de metáforas para isso. Na crônica *Le Moghrebin*, encontramos das raras descrições mais detalhadas de uma personagem, *El Hadj Zoubir*, entretanto, essa descrição está diluída nos 5 parágrafos iniciais da crônica:

[...] El Hadj Zoubir était vieux et bronze, de constitution frêle, avec un fin profil d'oisieu, l'oeil cave et expressif, sous d'épais sourcils grisonnants

⁸ T.L.: Ela se lembrava, como em um sonho muito bonito, de dias alegres nas encostas risonhas que dorava O sol, ao pé das montanhas poderosas que desfiladeiros profundos [...]. Pequena pastora livro e risonha, ela havia jogado lá no banho contínuo da boa luz refrescante, os membros robustos, "quase nus, ao sol" ... (*id.*, p. 59)

⁹ T.L.: Filho do povo, órfão muito cedo, criado por seu tio, pobre diácono de aldeia quase iletrada, Dimitri tinha sido, portanto, graças aos sacrifícios incríveis de seu tio, seguiu os estudos do ginásio [...] Dimitri Orschanof tinha a rara capacidade de obter sucesso em todas as suas tentativas, e quase sem esforço. (*ibid.*, p. 65-66).

[...] Il portait le costume de son pays, la djellab de drap bleu et le petit turban blanc autour de la chéchiya rouge¹⁰.
Calme, poli, accueillant, El Hadj Zoubir était à son ordinaire fort silencieux, avec des attitudes pensives et de longs regards scrutateurs¹¹. » (EBERHARDT, 1920, p. 31).

Na crônica intitulada *Le Magicien*, podemos encontrar outra breve descrição física masculina, diluída em apenas dois parágrafos:

C'était un homme d'une trentaine d'années, de haute taille, svelte sous des vêtements larges dont la blancheur s'éteignait sous un burnous noir.
Un voile blanc encadrait son visage bronzé, émâcié par les veilles, mais dont les traits et l'expression étaient d'une grande beauté. Le regard de ses longs yeux noirs était grave et triste¹². (*ibid.*, p. 49)

Ela sempre procura desenvolver parágrafos inteiros para descrever as paisagens e as pessoas em comunidade, sempre cheias de mistérios, enigmas nunca totalmente decifrados ou decifráveis. As personagens descritas são simples, contudo são, ao mesmo tempo, são complexas e emblemáticas. Ela demonstra preocupar-se muito mais com descrições psicológicas e com a determinação da personalidade de suas personagens do que com as descrições físicas.

Entretanto, as descrições dos lugares por onde passou, das paisagens que viu e de todas as imagens que deleitaram seus olhos, são imprescindíveis e, por isso, impressionantes dada a riqueza de detalhes. As paisagens urbanas que descrevia eram-lhe familiares e de certa forma Eberhardt gostava da profusão de cores das flores e frutos que via e que provaria. É possível perceber o prazer com que ela descreve os sabores, os perfumes e aromas exóticos que ela sentia e preocupava-se em, de alguma forma, transmitir aos seus leitores. Não podemos esquecer-nos que Eberhardt escrevia para os franceses que queriam conhecer e obter mais informações sobre os países colonizados pela França.

¹⁰ T.L.: [...] El Hadj Zoubir era velho e bronzeado, de constituição frágil, com um perfil de pássaro, olhos fundos e expressivos, sob grossas sobrancelhas grisalhas [...] Ele usava traje típico de seu país, um jelaba de tecido azul e um pequeno turbante branco em torno de uma chéchia vermelha.

¹¹ T.L.: Calmo, polido, acolhedor, El Hadj Zoubir foi como de costume muito silencioso, com atitudes atenciosas e de longos olhares observadores. " (EBERHARDT, 1920, p. 31).

¹² T.L.: Ele era um homem de trinta anos, alto, magro sob roupas largas, cuja brancura estava desaparecendo sob um albornoz preto.

Um véu branco emoldurava seu rosto bronzeado, emaciado pelas vigílias, mas cujos traços e a expressão foram de grande beleza. O olhar de seus longos olhos negros eram graves e tristes. (*ibid.*, p. 49)

Pour arriver chez moi, il fallait monter des rues et des rues mauresques, tortueuses, coupées de couloirs sombres sous la forêt des porte-à-faux moisis.

Devant les boutiques inégales, on côtoyait des tas de légumes aux couleurs tendres, des mannes d'oranges éclatantes, de pâles citrons et de tomates sanglantes. On passait dans la senteur des guirlandes légères de fleurs d'oranger ou de jasmin d'Arabie lavé de rose avec, au bout, des petits bouquets de fleurs rouges.

[...]

Un escalier de faïence usée, une autre porte : on était sur ma terrasse, étroite, dallée en damier noir et blanc, qui dominait toutes les terrasses et toutes les cours d'Alger, dévalant doucement vers le miroir moire du port, où les grands navires à l'ancre me parlaient de voyages lointains, en cette fin d'été sereine.

Ma chambre était petite, voûtée, peinte en bleu pâle, avec des niches dans les murailles, et les solives du plafond s'assemblaient avec un art surannée, peintes en brun sombre¹³. (*id.*, p. 27-28)

Em uma paisagem campestre, percebemos uma Eberhardt mais detalhista, mais intimista e sóbria, mais observadora dos fenômenos da natureza: luz e trevas, chuva e sol, e a influência que as estações do ano exercem sobre a paisagem.

Les parois rouges de la montagne enserraient la vallée profonde et la brousse sombre tapissait les gorges et les fissures déchiquetés que les oueds tumultueux de l'hiver creusent dans le roc. Des oliviers sauvages, tordus et d'aspect maussade, de grands lentisques à marure raide et immobile, au feuillage métallique, jetaient leur ombre bleue sur la terre raboteuse et dure. Au fond de la vallée, l'Ansar-ed-Dèm (la Source de Sang) jaillissait d'un creux d'obscurité, dans un fouillis de roches brisées, de stalactites dorées où, entre les mousses noires et fougères graciles, l'eau souterraine laissait des coulées de rouille. Fragmento da crônica Le Marabout do livro Pages d'Islam¹⁴. (*ibid.*, p. 81)

¹³ T.L.: Para chegar em casa, era necessário subir ruas e ruas mouriscas, tortuosas, cortadas por corredores escuros sob a floresta de saliências bolorentas.

Diante de lojas inegaladas, convivíamos com um monte de legumes com cores suaves, de cestas de laranjas brilhantes, de pálidos limões e de tomates sangrentas. Sentíamos o leve aroma das guirlandas de flores de laranjeira de jasmin da Arábia lavados de rosa com, ao fim dos pequenos buquês de flores vermelhas.

[...]

Uma escada de faiança usada, uma outra porta: estávamos sobre meu terraço, estreito, pavimentado em xadrez preto e branco, que dominou todos os terraços e em todo Argel, gentilmente rolando em direção ao espelho ondeado do porto, onde os grandes navios ancorados me falavam de viagens longínquas, neste fim de verão sereno.

Meu quarto era pequeno, abobadado, pintado de azul pálido, com nichos nas paredes, e as vigas do teto se assemelhavam com uma arte antiquada, pintado em castanho escuro (*id.*, p. 27-28).

¹⁴ T.L.: As paredes vermelhas da montanha cingindo o vale profundo e a brousse escura forrava as gargantas as fissuras retalhadas que os uádís tumultuosos do inverno furam a rocha. As oliveiras selvagens, torcidas e de aspecto irritado, de grandes lentiscos rígidos e imóveis, de folhagem metálica, lançou sua sombra azul sobre a terra robusta e dura. Ao fundo do vale, em Ansar-ed- Dèm (a Fonte de Sangue) irrompia de uma cavidade obscura, de uma bagunça de rochas quebradas, de estalactites douradas onde, entre as espumas negras e fetos grácils, a água subterrânea deixa as torrentes de ferrugem. Fragmento da crônica Le Marabout do livro Pages d'Islam. (*ibid.*, p. 81)

A sociedade, as pessoas, a comunidade, o agrupamento de pessoas chamava a atenção de Isabelle. É preciso lembrar que ela era correspondente de um jornal e, de certa forma, estava ali para, através de suas crônicas, mostrar ou apresentar o povo do Magrebe e o mundo islâmico à Europa e ao resto do mundo. A religião, o modo de viver, seus costumes. Isabelle procura descrever tudo e o faz com maestria e simplicidade.

Sous les eucalyptus au feuillage rougi par l'hiver, sur une côte pulvérulente, une foule compacte se meut : burnous grisâtres, burnous bruns, voiles blancs. Dans les cris des hommes et des bêtes, les Bédouins vont et viennent. Les uns arrivent, les autres s'installent. Et une grande clameur s'élève, cri rapace de cette humanité dont la pensée unique est le gain. Vendre le plus cher possible, tromper au besoin, acheter à vil prix, tel est le but de cette foule disparate, mélange confus d'Européens, d'Arabes, de Kabyles et de Juifs, rendus tous semblables en leur soif de lucre¹⁵. (*id.*, p. 148)

Em sua obra podemos perceber a influência da ocupação francesa que ela retrata com uma alta dose de crítica. Vemos que ela não apoia a colonização francesa e a vê como um estorvo aos costumes e ao progresso da colônia. No trecho abaixo, retirado do da crônica intitulada *Fellah*, do livro *Pages d'Islam*, ela demonstra que a prosperidade local é independente da autoritária ocupação francesa que expropriava os melhores pedaços de terra e subjugava o povo nativo.

Le 'centre' des Trois-Palmiers, em árabe Bouzraïa, est un village de création officielle. Les terrains de colonisation ont été prélevés sur les meilleurs parcelles des tribus de Hemis et de Bahdoura, par expropriation : le 'centre' ne doit sa prospérité relative qu'au grand marché arabe du vendredi. – Fragmento da crônica *Fellah*¹⁶. (*ibid.*)

¹⁵ T.L.: Sob os eucaliptos de folhagem avermelhada pelo inverno, sob um lado pulverulento, uma multidão densa se move: albornozes acinzentados, albornozes marrons, véus brancos. Nos gritos de homens e de animais, o bédouinos vem e vão. Alguns vem, outros se instalam. E um grande clamor se eleva, grito rapace desta humanidade cujo o pensamento único é o ganho. Vender o mais caro possível, enganar se necessário, comprar a preços baixos, este é o propósito desta multidão heterogênea, mistura confusa de europeus, de árabes, de cabilas e de judeus, todos semelhantes em sua sede de lucro. (*id.*, p. 148)

¹⁶ T.L.: O "centro" das Três-Palmeiras, em árabe Bouzraïa, é uma aldeia de criação oficial. Os terrenos de colonização foram tomados a partir dos melhores lotes das tribos de Hemis e de Bahdoura, por expropriação: o "centro" não deve sua prosperidade relativa que ao grande mercado árabe de sexta-feira. – Fragmento da crônica *Fellah*. (*ibid.*)

As crônicas de Eberhardt nos dão uma visão real do que era a ocupação francesa, sem deixar de lado o glamour daquele povo exótico, mostrando toda a sua beleza e simplicidade. Certamente suas crônicas deviam fazer grande sucesso entre os franceses da colônia devido à fidelidade e paixão de suas descrições das paisagens e das características físicas do povo, entretanto, também deviam causar certo desconforto na metrópole.

Em um banquete oferecido pela imprensa, em 1903, em homenagem ao presidente Loubet¹⁷, Isabelle exprimiu suas posições anticoloniais. Depois disso ela e sua família foram difamados e caluniados publicamente, além de sofrerem fortes críticas por seu comportamento. (EBERHARDT, 2008, p. 136)

Mas para comprovar a influência do Islã em sua obra, comprovar o seu amor pelo mundo árabe, comprovar seu fascínio pela religião, cultura e língua árabes a crônica intitulada La Zaouïa (edifício religioso muçulmano) é a crônica que mais demonstra toda essa influência: "J'entrais, mon déguisement aidant, dans la sainte zaouïa à l'heure de la prière... J'écoutais ces paroles que je devais bientôt comprendre et aimer... Et je regardais l'imam." (*Id.*, p. 27)

209

Considerações finais

Pela simples análise dos títulos das crônicas de Eberhardt podemos observar a forte influência que o Islã teve sobre sua obra. Sua conversão foi preponderante, marcando-a profunda e definitivamente. Desta forma resta provado que o Islã está vivo e presente em cada linha escrita por Isabelle:

Chose étrange! J'ai ressenti là, à l'ombre antique de cette mosquée sainte de l'islam, des émotions ineffables au son de la voix haute et forte de l'imam psalmodiant ces vieilles paroles de la foi musulmane en cette belle langue arabe, sonore et virile, musicale et puissante comme le vent du désert où elle est née, d'où elle est venue, sous l'impulsion d'une seule volonté humaine, conquérir la moitié de l'univers¹⁸... [Trecho de La Zaouïa] (EBERHARDT, 2008, p. 28)

¹⁷ T.L.: Emile Loubet (1838-1929). Foi Ministro do Trabalho, Ministro do Interior, Presidente do Conselho de Ministros durante o ano de 1892. Foi eleito presidente do Senado Francês em 1896, três anos mais tarde foi eleito Presidente da República Francesa.

¹⁸ T.L.: Coisa estranha! Eu me senti lá, na sombra antiga desta mesquita sagrada do Islã, de emoções inefáveis ao som das vozes altas e fortes do imã salmodiando estas velhas palavras da fé muçulmana nesta bela língua árabe, sonora e viril, musical e poderoso como o vento do deserto onde ela nasceu, de

O pouco que aqui estudamos revela o grande potencial de análise e pesquisa que ainda nos reserva a obra de Isabelle Eberhardt.



REFERÊNCIAS

- ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História**: História Geral e História do Brasil. 12. ed. reform. e atual. 5. imp. São Paulo: Ática, 2006.
- BENZAKOUR-CHAMI, Anissa. **Femme Idéale ?** Collection dirigée par Fatima-Zohra Zryrouil. Maroc: Editions Le Fennec, 1992.
- DEMAN, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- EBERHARDT, Isabelle. **Pages d'Islam**. Préface et notes par Victor Barrucand. Paris: Eugène Fasquelle, 1920.
- _____. **Amours Nomades** : nouvelles choisies. Texte établi par Marie-Odile Delancour et Jean-René Huleu. Edition présentée et annotée par Martine Reide. Paris: Gallimard, 2008.
- _____. **Notes de route**. Préface de Victor Barrucand. Paris: Librairie Charpentier et Fasquelle Editeur, 1908.
- FARES, Mohamad Ahmad Abou. **Condição da mulher na religião muçulmana**. 2. ed. [S.l.]: Mohamad Ahmad Abou Fares, 1988.
- FEUILLE D'AVIS OFFICIELLE DU CANTON DE GENEVE (FAO). Genève : 250e année, n. 101. J.A. 12000 Genève 2. p. 1386., 2 sept. 2002.
- GOUGES, Olympe de (Marie GOUZE). **Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã**. [S.l.] : [s.n.], 1791.
- IBRAHIM, I. Abu Harb. **Petit guide illustrée pour comprendre l'Islam**. Traduction de Barbara Centorami. Londres : Darussalam, 2008.
- MEDDEB, Abdelwahab. **Islam, la part de l'universel**. Paris: ADPF – Ministère des Affaires Étrangères, 2003.
- MURAT, Michel (Ed.). **Le Vers Français** : Histoire, Théorie, Esthétique. Paris: Honoré Champion, 2000.
- MUTAHHARI, Murtadã. **Os direitos das mulheres do islão**. Organização Mundial ao Serviço do Islão. Portugal : ALQALAM, 1988.
- PELLISSIER, E. **Histoire de l'Afrique de Moh'ammed-Ben-Abi-El-Raïni-el-Kaïrouâni**. Traduit de l'arabe par Pellissier E. et Rémusat. Paris : Imprimerie royale, 1845.